

Brasil quer concluir acordo UE-Mercosul

A frustração gerada pelo fracasso da Rodada de Doha da OMC leva o Brasil a forçar uma conclusão das negociações do acordo de livre comércio entre a União Européia e o Mercosul.

TEXTO: GERALDO HOFFMANN

Após um dos primeiros estrondosos fracassos das negociações da Rodada de Doha, em setembro de 2003, em Cancún, no México, o ministro brasileiro das Relações Exteriores, Celso Amorim, tentou ser otimista. “Isso é um processo, e nós sairemos dele mais fortes do que entramos”, disse. O Brasil então comandava o G20 (grupo de países em desenvolvimento e emergentes). Muitos analistas haviam apostado que esse grupo não duraria muito, mas falharam em suas previsões.

No final de julho passado, cumpriu-se a “profecia” feita por Amorim em 2003 no México: “O G20 terá um papel determinante nas futuras negociações agrárias”. Após nove dias de intensas discussões em Genebra, as negociações da Rodada de Doha fracassaram pela quinta vez devido ao impasse entre a Índia, a China – dois dos países mais poderosos do G20 – e os EUA sobre tarifas de importação para o setor agrícola, especialmente sobre as salvaguardas para proteger os agricultores em países pobres.

A frustração do empresariado brasileiro foi generalizada. “O fracasso” de Doha significa que o protecionismo venceu a abertura comercial, e o Brasil perde com isso. Ao contrário de outras economias, como o México e o Chile, nós não temos acordos comerciais bilaterais com outros países. Então, sem um acordo multilateral, ficamos isolados, e nossas exportações não têm o benefício da tarifa reduzida. O setor agrícola, é claro, é o maior perdedor, pois mundialmente é ele que tem a maior carga de subsídio e protecionismo. Com os subsídios, a expansão da nossa produção fica limitada”, resumiu José Augusto de Castro, vice-presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil.

Também desta vez Amorim – flanqueado por Lula – exercitou seu otimismo. “Eu acho que é sempre cedo para dizer que Doha não deu certo. Não deu certo esse ciclo de negociações. O que nós vamos ter que saber é se vai poder resolver agora, ainda no curto prazo, ou se vai precisar de mais dois, três anos, o que infelizmente aconteceu com outras rodadas, como a rodada do Uruguai”, disse Amorim no programa de rádio Café com o Presidente (04/08/08).

No mesmo programa, Lula anunciou a estratégia que o Brasil pretende adotar daqui para frente. “O Brasil vai continuar fazendo as suas negociações em todas as instituições multilaterais existentes. O Brasil vai fazer o seu acordo estratégico com a União Européia, vamos fortalecer. O Brasil quer construir um acordo estratégico entre o Mercosul e a União Européia.”

Desde então, Lula e Amorim reiteraram várias vezes que o Brasil empreenderá esforços para finalmente concluir o acordo UE-Mercosul. Mas não como substituto para a esperada liberalização do comércio mundial no âmbito da Organização Mundial do Comércio (OMC). Segundo Amorim, o Brasil, como membro do Mercosul, pode promover negociações comerciais com a União Européia (UE) e com outros países e blocos, mas em nenhuma dessas instâncias será possível resolver o problema dos subsídios.

A Rodada de Doha, iniciada em 2001, deveria ter sido concluída em 2005. Apesar do fracasso em Genebra, o diretor da OMC, Pascal Lamy, acredita que as negociações ainda possam ser encerradas até o final deste ano.

Desde 1995, existe um acordo-quadro sobre diálogo político, coope-



ração técnica e comércio bilateral entre UE e Mercosul. Houve avanços nas duas primeiras áreas, mas o comércio continua sendo uma pedra de tropeço. As negociações entre os dois blocos estão interrompidas há quatro anos sob o pretexto de se esperar os resultados da Rodada de Doha. A UE chegou a considerar um acordo com o Mercosul como uma chance para fortalecer sua posição na OMC. Através de concessões aos exportadores do Mercosul, os europeus esperavam obter dos países sul-americanos integrantes do G20 uma redução das barreiras para produtos industriais, investimentos, serviços e concorrências públicas.

Oficialmente, no entanto, o acordo UE-Mercosul e a Rodada de Doha sempre foram “negociações separadas”. Isso também não muda com a nova investida do Brasil, que assinou já em 2007 um memorando de intenções sobre uma parceria estratégica com a União Européia. ■